

LINGUAGENS EM PRIMEIRO PLANO: notas sobre a condição pós-humana

SPEECHES AT FIRST LEVEL: notes about our post human condition

Fernando Cesar Sossai

Professor nos cursos de História e Design da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE.
E-mail: fernando.sossai@univille.br

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007. 468p. ISBN 9788534927659.

“Já não há lugar, nenhum ponto de gravidade de antemão garantido para qualquer linguagem, pois todas entram na dança das instabilidades” (Santaella, 2007, p. 24). Mais do que uma afirmação, a frase parece ser um diagnóstico de quem enxerga o mundo contemporâneo como um fractal de linguagens: Lúcia Santaella. Aqueles que estavam habituados a identificá-la como semioticista, cientista da comunicação e/ou uma teórica literária certamente terão de rever suas categorizações ao lerem *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*. Apesar de não ser o mais recente livro lançado pela autora, ele encerra uma trilogia que é, sem sombra de dúvida, índice de um rearranjo epistemológico na trajetória de Santaella¹.

Nos últimos anos, a comunicação tem sido um campo fértil para a autora investigar a chamada “semiótica cognitiva” e as “estéticas tecnológicas”. Só no ano de 2004, cinco livros sobre estas temáticas foram lançados pela autora. Em *O Método Anticartesiano de C. S. Peirce e Comunicação e Semiótica*, Santaella continua a defesa do conhecimento semiótico como algo estratégico para os que desejam compreender ensejos comunicativos do mundo

¹ Segundo a autora, *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade* compõe trilogia com dois outros títulos, ainda que não tenha sido pensada previamente: *Cultura das Mídias* (1992) e *Culturas e Artes do Pós-humano* (2003).

globalizado. Já em *Corpo e Comunicação: sintoma da cultura, Por que as comunicações e as artes estão convergindo?* e *Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*, ela aponta à centralidade das tecnologias da informação e comunicação nos fazeres do cotidiano. Sobretudo este último rendeu-lhe uma série de críticas, cuja sobreposição das tecnologias aos seres humanos e o determinismo tecnológico da autora foram as mais ácidas.

Ainda neste ano, Santaella realizou também estágio de pós-doutorado na Gesamthochschule Kassel, Alemanha, o que indubitavelmente contribuiu para a escrita de *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*. Contudo, nos dois anos seguintes a 2004 a autora não lançou livro algum. Em que pese a publicação de artigos em periódicos qualificados e capítulos de livros, foi somente em 2007 que retornou às prateleiras com *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*. Além disto, escritos posteriores indicam que inquietações apenas ventiladas nos capítulos desta obra foram trabalhadas de forma mais elástica, inclusive em parceria com outros interlocutores².

Diante do explicitado, uma questão salta aos olhos: teria Lúcia Santaella ficado dois longos anos preparando *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*? Obviamente esta pergunta não poderá ser respondida aqui. Seria leviano tentar produzir respostas sem uma análise vertical sobre os termos e os lugares ocupados pela autora na época da tessitura deste livro. Logo, creio ser mais profícuo resenhar aspectos capitais que, ao mesmo tempo, enriquecem e polemizam os conteúdos de tal obra.

De início sublinho o esforço teórico-metodológico empreendido pela autora. Integrado por 17 capítulos, *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade* é um convite à leitura dos autores escolhidos por Santaella para construir suas reflexões. Merece destaque o uso feito dos escritos produzidos por críticos literários e filósofos alemães; desde os mais tímidos, como o que faz do pensamento de Andreas Huyssen, até os mais exacerbados, como o de Peter Sloterdijk. Nesta mesma direção, vale ainda mencionar a seriedade e a profundidade com que a autora manipula intrincadas reflexões que, em sua maioria, não se encontram traduzidas para o português.

A partir do exame destas obras, Santaella propõe “trazer as linguagens para o primeiro plano da cena” de modo a “resgatá-las da negligência e quase-olvido a que têm sido relegadas” pelos principais teóricos do mundo contemporâneo. E esta parece ser uma justa

² Refiro-me especificamente ao capítulo 10 (Estéticas Tecnológicas) e o livro organizado por Santaella e Arantes (2008) intitulado *Estéticas Tecnológicas: novos modos de sentir*, bem como aos capítulos 16 e 17, respectivamente Games e Ambientes Compartilhados e O Paroxismo da Auto-Referencialidade nos Games, e o livro *Mapa do Jogo: a diversidade cultural dos games*, organizado em parceria entre Santaella e Pereira (2009).

constatação da autora: a linguagem, aquilo que constituímos e nos constitui como humanos, tem sido “a grande esquecida” dos analistas do tempo presente (Santaella, 2007, p. 24). Dito de outro modo, suas preocupações estão voltadas para:

(...) o afluxo avassalador dos signos, para a exacerbada dilatação que rende ao infinito das bordas difusas do ciberespaço e para as novas órbitas de circulação das linguagens agora inexoravelmente atreladas aos corpos em movimento. Muito mais que revoluções na informação e comunicação, trato tudo isso pelas perspectivas evolucionárias não deterministas, isentas da ingênua ideia de progresso [...], como índices do crescimento de complexidades das ecologias midiáticas que trazem agora o conceito recriado de espaços deslizantes e intersticiais para o foco da nossa atenção (Santaella, 2007, p. 26).

Móveis, deslizantes, fluidos, intervalares e intersticiais. Contrariando a primazia do tempo como categoria-base de digressões que lutam entre si pelo controle dos enunciados sobre o vivido – em uma clara alusão aos debates travados entre “modernos” e “pós-modernos” durante as décadas de 1980 e 1990 –, Santaella defende que são as novas paisagens, as novas atmosferas, as novas cartografias que estruturam nossas relações sociais. Novos espaços (virtuais, digitais, ausentes etc.) entram em cena e interpelam novas experiências. Neles, dissimulamos nossa pertença. Inventamos personagens. Recriamo-nos. Produzimos, segundo Santaella, nossa condição pós-humana. Assim, “linguagens antes consideradas do tempo – som, verbo, vídeo – especializam-se” em uma nova modalidade de espaço: o ciberespaço. Em seus domínios,

(...) linguagens tidas como espaciais – imagens, diagramas, fotos – fluidificam-se nas enxurradas e circunvoluções dos fluxos [...] Textos, imagem e som já não são o que costumavam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se. Tornaram-se leves, perambulantes. Perderam a estabilidade que a força de gravidade dos suportes fixos lhes emprestavam. Viraram aparições, presenças fugidias que emergem e desaparecem ao toque delicado da pontinha do dedo em minúsculas teclas. Voam pelos ares a velocidades que competem com a luz (Santaella, 2007, p. 24).

Evidentemente, foram as características moventes e líquidas do ciberespaço que inspiraram Santaella a elaborar um livro que escapa à linearidade e a uma escrita teleológica. A leitura pode ser perfeitamente iniciada por qualquer um dos capítulos, já que entre eles há apenas algumas indicações de percursos para o olhar. De acordo com ela, trata-se de uma escritura onde os fios podem “ir se conectando por caminhos a serem criados pelos interesses do leitor” (Santaella, 2007, p. 27). Apesar disto, salienta-se que o livro apresenta significativa

complexidade e, certamente, será mais acessível para leitores que já possuem alguma familiaridade com o pensamento e/ou com as teorias que instrumentalizam as análises da autora.

Referências

- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Semiótica**. São Paulo: Hacker, 2004.
- _____. **Corpo e Comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. **Cultura das Mídias**. São Paulo: Experimento, 1992.
- _____. **Culturas e Artes do Pós-Humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. **Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. **O Método Anticartesiano de C. S. Peirce**. São Paulo: Unesp/Fapesp, 2004.
- _____. **Por Que as Comunicações e as Artes Estão Convergindo?** São Paulo: Paulus, 2004.
- _____; ARANTES, P. C. (orgs.). **Estéticas Tecnológicas: novos modos de sentir**. São Paulo: EDUC, 2008.
- _____; Pereira, M. F. (orgs.). **Mapa do Jogo: a diversidade cultural dos games**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.